

Em acampamento solidário de mulheres em Guro

Ex-guerrilheiras da Renamo alertam para riscos de nova instabilidade

Por André Catueira

Ex-guerrilheiras da Renamo instaram as autoridades a não ignorarem os sinais enviados pelo recente ataque de um grupo armado no distrito de Maríngué (Sofala), junto à EN1, próximo de Nhamapadza, que deixou em cinza sete viaturas civis, alertando para o risco de nova instabilidade caso não se tomem medidas racionais.

Em declarações ao **SAVANA**, Linda Odete, que trabalhou numa base da Renamo em Maríngué como radialista e depois assistente de saúde até a desmobilização, disse que ficou chocada com as notícias do ataque, reacendendo o receio de um novo clima de tensão. “Não [foi chocante] só para nós, mas para todo o país”, precisou durante o acampamento solidário de mulheres realizado de 15 a 16 de Abril no distrito de Guro, na província de Manica, um evento promovido pela Agência Italiana de Cooperação para o Desenvolvimento (AICS), através do DELPAZ, um programa do governo moçambicano financiado pela União Europeia. “É um sinal que não pode ser ignorado. Cabe às autoridades investigarem muito bem sobre o que se está a passar, porque se se despreza pode se alastrar e quem sofre será a camada que está lá mesmo no campo”, enfatiza Linda Odete, também ponto focal do processo do Desarmamento, Desmobilização e Reintegração [DDR] na província de Tete. Outra ex-guerrilheira, Virgínia Tausene, que combateu na serra da Gorongosa na guerra dos 16 anos, e mais tarde dactilógrafa do líder histórico Afonso



Parte de ex-guerrilheiras da Renamo, que participaram no acampamento solidário

Dhlakama, destaca que o ataque “assustou muita gente, ou todo o mundo”, porque a segurança ficou ameaçada. “Sabe-se que enquanto existe este tipo de problemas, começa pouco e pode vir a crescer e prejudicar a maioria, saímos há pouco de um conflito, e até hoje ainda estamos em luta para esquecer os traumas da guerra, então aparecer sinais para se reiniciar [a guerra] assusta” lamenta Virgínia Tausene, e apela às autoridades para que tomem a peito

este fenómeno antes que assuma proporções alarmantes “porque é um problema que faz sofrer o povo”. Tausene reconhece que a paz em Moçambique atravessa momentos conturbados pelo elevado índice de descontentamento popular.

O acampamento
Os mais de 287 participantes do acampamento solidário, dos quais 250 mulheres das províncias de Tete, Manica e Sofala, reiteraram com um grito uníssono, “não à guerra”, na abertura do evento que decorreu no distrito de Guro, realçando que a paz e segurança estão a cooperar para sua consolidação económica. O acampamento solidário de dois dias, que decorreu sob o lema “Mulheres de mãos dadas, construindo paz através do desenvolvimento económico inclusivo”, reúne no mesmo espaço mulheres de diferentes origens, trajetórias e histórias, para compartilhar saberes, fortalecer os laços de afeição e construir colectivamente ideias para a sua autonomia económica. Num ambiente onde o protagonismo feminino floresce, elas admitem que os desafios enfrentados pelas mulheres no campo,



Virgínia Tausene

na cidade e nas periferias, podem ser agravados por conflitos, enquanto já assinalaram avanços gigantescos no seu empoderamento. “Continuamos a encorajar a mulher na busca pela paz e segurança, porque é num espaço seguro que ela consegue tomar decisões”, referiu Anchia Mulima, coordenadora da Levanta Mulher e Siga o Seu Caminho (LEMUSICA), que integra a Rede Feminina Centro. Acrescentou que “a nossa expectativa neste acampamento é que as mulheres continuem a crescer

economicamente. Daí o nosso grito [não à guerra]. A estabilidade económica vai reduzir a tripla violência de que as mulheres são vítimas: doméstica, física e económica”. Outra participante, Inês Chifinha, coordenadora do Grupo de Mulher de Partilha de Ideia de Sofala, anota que “queremos que a mulher tenha autonomia económica, para não depender do governo e nem de projectos [que vêm e vão], e use o conhecimento valioso na agricultura promovido pelo DELPAZ para sua riqueza”.



Linda Odete

Continuação da pág. 8

Enquanto embala o seu filho nos braços, Elsa Francisco, outra participante, olha para o acampamento como um lugar de esperança, e que o conhecimento adquirido ali, com os calorosos debates nas rodas de conversa, cantos e partilhas, venha a lhe ser útil.

Durante os dois dias, as mulheres debateram em sessões plenárias e em 10 grupos temáticos assuntos como: conflitos armados, construção da paz inclusiva, economia da mulher e empoderamento económico, mudanças climáticas, género e agenda 1325, além da violência baseada no género. Os debates foram mais acesos durante a lareira das mulheres que se realizou na noite de 15 de Abril.

Cada mulher chega ao acampamento, traz sua força, sua dor, sua luta, e sai mais forte, mais consciente e mais conectada com as outras, que também sonham e lutam para um Moçambique melhor.

Declaração de Guro

No acampamento solidário as mulheres produziram a “Declaração de Guro”, que resultou dos calorosos debates em sessões plenárias e trabalhos dos grupos temáticos das mulheres de Tete, Manica e Sofala, para acelerar o compromisso para o seu empoderamento.

Na Declaração de Guro, que envolveu também os homens, que foram chamados a reflectir e partilhar seus pontos de vista sobre os diversos temas debatidos e a dar apoio às mudanças nas relações de género (“*Eles por elas*”), as mulheres revelam um novo ciclo de descobertas, de fortalecimento e de renovação para sua autonomia económica.

Para elas, a Mulher continua a jogar um papel-chave na produção e comercialização agrícola, por isso, devem ser criadas oportunidades de acesso à terra e recursos, para ela gerir os seus rendimentos provenientes das colheitas. Mas também criar oportunidades de trabalhos formais, igualdade de género através da inclusão da mulher em sectores-chave de actividades financeiras, comerciais, industriais e tecnológicas.

A criação de cooperativas de negócio e o desenvolvimento de iniciativas de empoderamento económico direccionado às Mulheres e Raparigas podem permitir que todas as pessoas tenham acesso ao dinheiro.

A Declaração de Guro recomenda que o acesso ao crédito seja mais expandido para as mulheres, e se responsabilizem pelo pagamento, além de que a mulher deve ter voz no lar e ter oportunidade de ser escutada, sendo que o seu ponto de vista é importante quanto o dos homens.

As mulheres devem passar a de-

nunciar a violência que acontece nos lares, devendo haver melhoria na gestão dos casos de violência contra as mulheres e penalização dos agressores.

Também há necessidade de se expandir a rede escolar, para que as raparigas, particularmente, possam concluir o nível médio escolar ou 12ª classe, mas também a formação técnico-profissional, para que possam aumentar a sua participação activa em órgãos de tomada de decisão a todos os níveis.

Criação de reservatórios de água para a irrigação: no DELPAZ funcionou como planeado, pois as comunidades criaram diques, pequenas lagoas, para enfrentar as mudanças climáticas, que se tornaram num obstáculo para as mulheres que dependem da agricultura de sequeiro.

Desafios da Paz

A governadora de Manica, Francisca Tomás, que participou do acampamento e fez o encerramento do mesmo, anotou que, alcançada a Paz em Moçambique, “torna-se necessária e urgente” a união de esforços que possam resultar na criação de oportunidades para que as mulheres, sobretudo as vítimas dos conflitos armados (a maioria no acampamento), possam partici-



Elsa Francisco

par em pé de igualdade com as demais no processo de desenvolvimento das suas comunidades.

“A avaliar pela declaração final deste acampamento, como governo provincial, queremos reconhecer que esta iniciativa constitui uma plataforma ideal para a promoção da mulher como actora local”, enfatizou Francisca Tomás, realçando que o acampamento foi um espaço que possibilitou a construção de uma mulher cada vez mais líder.

O evento foi realizado pelo Grupo de Mulheres de Partilha de Ideias de Sofala, um dos membros do Consórcio que implementa o Programa DELPAZ Manica, em colaboração com Helpcode, que lidera o Projecto,

e Manica para as Mulheres que é liderado pelo Progettomondo e com as outras organizações parceiras (FDC, ProgettoMondo, UEM, LEGAcoop, UNCDF, EU e CAM).

Este é o segundo acampamento solidário, onde as vozes e histórias das mulheres, como actores locais do DELPAZ, em Manica, Sofala e Tete, estão a ser partilhadas e escutadas, e depois elaborada a Declaração que garanta que as necessidades das mulheres sejam devidamente consideradas.

O primeiro foi realizado em Novembro de 2023, em Inhazonia, distrito de Barué, ainda na província de Manica.

O DELPAZ, um programa do governo de Moçambique, fi-

Janete, a “guerreira” que se redescobriu na Casa da Mulher de Tsangano

O sorriso vibrante de Janete Mussone espalha uma energia de descobertas e conexões durante a inauguração da Casa da Mulher de Tsangano, a primeira do género a ser entregue no âmbito da implementação do DELPAZ a uma comunidade remota da província de Tete, no Centro de Moçambique, uma região antes assombrada por conflitos armados.

Entre danças e aplausos, Janete celebra as conquistas de poder vender o pão feito por suas próprias mãos [antes o pão era importado do Malawi] e o apoio que tem de outras 15 mulheres, no universo de 20 membros da Casa da Mulher que ela lidera, cujas histórias se cruzam para começar novas trajetórias e reconstruir sonhos, além de reafirmar seus direitos.

“É a primeira vez que temos essa casa em Tsangano, que agrega muitas actividades que vão mudar histórias de muitas famílias neste distrito”, aclara entusiasmada Janete Mussone, ela mesma que acabou de se redescobrir, enquanto desbrava com seu olhar firme os compartimentos que vão acomodar diversas iniciativas que ali se vão desenvolver.

A Casa da Mulher do distrito de Tsangano é um espaço de acolhimento, escuta, capacitação e fortalecimento para mulheres e homens, com intuito de promover o crescimento económico local.

Além de ser um centro para oferecer apoio, a Casa da Mulher de Tsangano representa para cada mulher um lugar de orientação, protecção e respeito.

“Aqui vamos fazer pão e vamos vender aqui mesmo. Também faremos alguns negócios da machamba, como produção de hortícolas,



Janete Mussone

para serem comercializadas aqui. Temos também uma sala de reuniões para nossos encontros, e aluguer para a comunidade, além de um armazém, que poderá ser alugado para guardar produtos agrícolas de comerciantes”, enfatiza Janete Mussone, para quem esta conquista vai responder às desigualdades ou a falta de oportunidade.

“Eu descobri que entre nós mulheres [da Casa da Mulher] havia muitos talentos escondidos, quer na culinária, quer na alfaiataria, porque estamos a fazer roupas incríveis, que vendemos na comunidade”, destaca Janete Mussone, acrescentando que “antes só era possível comprar essas roupas, modelos, de capulanas em Tete ou Maputo”.

A incubadora verde, o campo de demonstração agrícola e o sistema de abastecimento de água multiuso, infra-estruturas erguidas adjacentes à Casa da Mulher, vão revolucionar a agricultura, além de garantir água potável para a comunidade e irrigação para os campos da Casa da Mulher.

“Nesta machamba da Casa da Mulher, vamos trabalhar nós mesmas, e os produtos que vamos colher serão vendidos e o dinheiro será investido aqui no restaurante da casa, mas também para atender a outras faltas que tivermos”, observa, enquanto arrola a diversidade de actividades.

Para ela, a Casa da Mulher é mais do que um espaço físico, é um símbolo de acolhimento, empoderamento e transformação, onde as mulheres são ouvidas, valorizadas e fortalecidas para serem protagonistas das suas próprias histórias.